

A TEORIA ESTÉTICA REPEÇÃO E LITERATURA INFANTIL: ANÁLISES DA OBRAS “CINDERELA” E “CINDERELA SURDA”

DOI: 10.47677/gluks.v23i2.376

Recebido: 05/06/2023

Aprovado: 01/11/2023

SOUSA, Crislane Morais da Silva ¹
BRAGA, Herasmo ²

RESUMO: Baseando-se nos autores Iser (1999); Karnopp (2010); Cademartori (2013), dentre outros, o presente trabalho estuda a literatura pelo viés da teoria Estética da Recepção. Na perspectiva que trabalhamos, observamos através de análises de obras em Literatura Infantil, o modo como são realizadas as adaptações das histórias para a Literatura Surda. O objetivo deste trabalho é analisar obras de Literatura Infantil Surda a partir dos conceitos da teoria Estética da Recepção. Desse modo, esta teoria é percebida como a relação entre autor, texto e leitor; por isso, a pesquisa procura responder à seguinte indagação: Quais são os principais pontos observados nas narrativas de “Cinderela” e “Cinderela Surda”? Para contribuir com a nossa indagação, fizemos análises das seguintes produções e adaptações: “Cinderela”, de Charles Perrault e “Cinderela Surda”, de Lodenir Karnopp, Caroline Hessel e Fábio Rosa. Como resultado dos pareceres analisados, identificamos que a Literatura Surda proporciona a interatividade e o reconhecimento de surdos com o desenvolvimento de leituras, pois trabalha com textos que compreendem o funcionamento das narrativas como Arte.

PALAVRAS-CHAVE: Literature, Front desk, Deaf child.

Introdução

Esta pesquisa trata de uma análise das narrativas de: “Cinderela”, de Charles Perrault e “Cinderela Surda”, de Lodenir Karnopp, Caroline Hessel e Fábio Rosa. A problemática deste trabalho parte do questionamento: Quais são os principais pontos observados nas

1 Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras-Literatura, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)/ Professora- tradutora – intérprete de Libras pela secretaria estadual do Maranhão-SEDUC/MA. Professora substituta pelo Departamento de Letras-CESC/ UEMA. Tutora no curso de Letras-Libras-UFMA- (2023). -E-mail:crislanelibrastisl@ufpi.edu.br.

2 Professor Dr. pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Docente do quadro permanente da pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Piauí, do ProfLetras da Universidade Estadual do Piauí-E-mail:herasmobraga@ufpi.edu.br.

Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2

narrativas de “Cinderela” e “Cinderela Surda”? Nessa condição, nosso objetivo é analisar obras de Literatura Infantil Surda a partir dos conceitos da teoria Estética da Recepção, que consiste na relação interativa entre autor, texto e leitor; por isso, identificamos um diálogo entre estes seguimentos, colaborando para um texto participativo e mais dinâmico.

A Recepção Estética, é uma teoria que observa o efeito que a narrativa causa em quem a percebe; portanto, equivale refletir sobre qual é o efeito a “Cinderela Surda” transmite ao público infantil surdo. Através dessa produção é possível reconhecer o outro em suas diferenças, pois é justamente a partir de um novo modo de produzir sentidos que a narrativa abre novas possibilidades de leitura sobre mundo.

Além disso, a literatura proporciona o envolvimento com a fantasia e com a realidade de forma interativa. Logo, o contexto literário de produção surda, é um caminho que pode movimentar a vida desse leitor, e na sua forma de atribuir significado à obra, levando em consideração as suas vivências. É articular a ideia, mergulhando em um vasto ambiente de imagens simbólicas; trazendo um novo mundo social ao surdo.

O nosso referencial teórico divide-se em três tópicos. O primeiro aborda sobre *Itinerário Histórico da Teoria Estética da Recepção: leitura e surdez*, onde buscamos analisar a teoria Estética da Recepção e sua relação com o processo literário e com o público. Enquanto isso, a segunda divisão da pesquisa discorre sobre *O surdo como leitor literário*, na qual notando a sensibilidade e o modo receptivo deste leitor. Encerrando as discussões teóricas, fizemos uma *Categorização das análises dos materiais: Cinderela e Cinderela Surda*.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram necessárias leituras bibliográficas sobre temas que relacionados ao assunto, tais como: Iser (1999); Karnopp (2010); Cademartori (2013), dentre outros. Como resultado desta análise, compreendemos que as relações perceptivas, configuram a visão do leitor em cada texto, destacando a alteridade nas personagens “Cinderela” e “Cinderela Surda”, apontando questões éticas que evidenciam o reconhecimento, a partir do reconhecimento na figura do “Outro como Si mesmo”, como aponta Ricoeur (1991). Portanto, a literatura usa de representações e de falas distintas, que, ao longo da historicidade, modificam a vida do leitor.

Itinerário Histórico da teoria Estética da Recepção e a criança com surdez

Os estudos em Estética da Recepção foram desenvolvidos pelo pesquisador e crítico alemão Hans Robert Jauss em 1967, apresentado durante uma palestra sobre história da literatura, ocorrida na Universidade de Constança (Alemanha), e com discussões ampliadas por Wolfgang Iser, crítico literário e filósofo contemporâneo. A teoria da Recepção percebia o texto como uma obra de arte, onde é possível enfatizar as vivências do leitor com o seu aspecto de historicidade, ou seja, observando o seu conhecimento vivido com o momento da escrita do texto, atribuindo o contato e a atualização da obra em épocas e situações distintas. De acordo com Zappone, a Estética da Recepção,

[...] de certo modo, acaba por propor categorias para se pensar o que é a literatura. Ora, se os textos são passíveis de diferentes recepções, porque lidos por públicos diferentes no tempo e no espaço, o status desses textos também se modifica, o que força certa reformulação dos critérios que estabelecem o que é e, o que não é literatura. (Zappone, 2005, p.162).

É através da estética abarcada pela experiência com os textos que a literatura passa a fazer sentido e a abrir possibilidades para que um novo conhecimento seja agregado durante a leitura. Por isso, essas expectativas aguçadas durante um texto, promovem não somente a aprendizagem, mas a criticidade ao público. Logo, as produções literárias abordam um caráter estético, além de independência dos leitores. Quem recebe o texto passa a ter mais perspectiva sobre ele, e mais domínio de conteúdo; por isso, os sujeitos surdos podem ampliar seu processo de compreensão e interação, possibilitando maior expressividade e domínio narrativo.

O surdo, enquanto leitor, possui experiências que podem contribuir com o desenvolvimento e com processo de leitura. O sujeito com surdez percebe o mundo de forma mais visual, porém, carrega consigo a apropriação e o domínio de uma língua que lhe é própria, a língua de sinais, mas este fato não o torna (ou não deveria o tornar) menos leitor, pois em um texto, além das leituras de palavras, a ressignificação e a proximidade com a realidade vivida, também são pontos a serem observados.

É importante explicar que, cada país possui sua própria Língua de Sinais; por exemplo, no Brasil, denomina-se Língua Brasileira de Sinais, a Libras. Existem ainda: Língua de Sinais Americana (ASL), Língua Gestual Portuguesa (LGP), Língua de Sinais Francesa (LSF); dentre outras. Nessa perspectiva, a criança surda, em contato com a literatura, desperta o pensamento, tornando-a mais curiosa e criativa, pois a leitura irá mobilizar o seu imaginário e, com auxílio

de imagens, esse imaginário tornar-se-á ainda mais crítico, pois a literatura é capaz de transformar a percepção de seus leitores, viabilizando um processo mais visual durante a leitura. De tal modo, para Iser (1999), a teoria da Recepção um papel fundamental no processo interpretativo de crianças surdas, pois ela analisa a forma como o texto pode ser compreendido pelo leitor, ressaltando a sua experiência de vida.

Lima (1979) aborda que, a junção do texto literário com os vazios e a indeterminação já era postulada Ingarden. Por isso, a literatura e suas produções, trazem caráter estético, além de proporcionar a independência dos leitores.

A criança surda, em contato com a literatura, desperta o pensamento, tornando- a mais curiosa e criativa, pois a leitura irá mobilizar o seu imaginário, e com auxílio de imagens, esse imaginário se tornará ainda mais crítico, pois a literatura é capaz de transformar a percepção de seus leitores, viabilizando um processo mais visual durante a leitura. Nesse sentido, entendemos que a teoria da Recepção tem um papel fundamental no processo interpretativo de crianças surdas, pois nesta teoria é analisada a forma como o texto pode ser compreendido pelo leitor, ressaltando a sua experiência de vida. Além disso, destacamos a estética do texto, que também é um ponto a ser destacado por esta teoria.

Os estudos em Estética da Recepção foram desenvolvidos pelo pesquisador e crítico alemão Hans Robert Jauss em 1967, apresentado durante uma palestra sobre história da literatura, ocorrida na Universidade de Constança (Alemanha), e com discussões ampliadas por Wolfgang Iser, crítico literário e filósofo contemporâneo. A teoria da Recepção percebia o texto como uma obra de arte, onde é possível enfatizar as vivências do leitor com o seu aspecto de historicidade, ou seja, observando o seu conhecimento vivido com o momento da escrita do texto, atribuindo o contato e a atualização da obra em épocas e situações distintas. De acordo com Zappone, a Estética da Recepção,

de certo modo, acaba por propor categorias para se pensar o que é a literatura. Ora, se os textos são passíveis de diferentes recepções, porque lidos por públicos diferentes no tempo e no espaço, o status desses textos também se modifica, o que força certa reformulação dos critérios que estabelecem o que é e, o que não é literatura (Zappone, 2005 p.162).

É através da estética abarcada pela experiência com os textos que a literatura passa a fazer sentido e abrir possibilidades para que um novo conhecimento seja agregado durante a leitura. Por isso, estas expectativas aguçadas durante um texto, promovem não somente a

aprendizagem, mas a criticidade ao público. Logo, a literatura e suas produções, trazem caráter estético, além de independência dos leitores. Quem recebe o texto passa a ter mais perspectiva sobre ele e domínio de conteúdo. Aos surdos, ampliam a capacidade de interação, possibilitando-o uma melhor expressividade e capacidade narrativa para que ele possa constituir-se enquanto sujeito literário.

A leitura promove novas sensações e uma troca de experiência com a vida, além de poder se comunicar. Dessa forma, a autora Zappone (2005, p. 153) indaga para uma reflexão. Diz ela: “O que fazemos ao ler ou que processos se desencadeiam quando lemos?”. Após a exposição deste questionamento, ela reflete: “Ora, se o texto não diz tudo, nem o seu autor é dono de atribuir sentido, o leitor tem sido peça fundamental no processo de leitura (individual ou coletivo)” Zappone (2005, p.155). Em outras palavras, o principal elemento da Estética da Recepção é recuperar o sentido de leitura, promovendo a comunicação entre obra e leitor, por isso, ela a Recepção colabora com os estudos de Literatura Surda, bem como para os seus leitores, pois através da Recepção pode-se compreender e relacionar as representações construídas nas narrativas surdas.

diante do êxito mundial do estruturalismo linguístico e do triunfo mais recente da antropologia estrutural, assinalava-se, nas velhas ciências do espírito, em todos os campos, o abandono dos paradigmas da compreensão histórica. Via então a oportunidade de uma nova teoria da literatura, exatamente não no ultrapasado da história, mas sim na compreensão ainda não esgotada da historicidade característica da arte e diferenciadora de sua compreensão. Urgia renovar os estudos literários e superar os impasses da história positivista, os impasses da interpretação, que apenas servia a si mesma ou a uma metafísica da "écriture", e os impasses da literatura comparada, que tomava a comparação como um fim em si. Tal propósito não seria alcançável através da panacéia das taxinômias perfeitas, dos sistemas semióticos fechados e dos modelos formalistas de descrição, mas tão só através de uma teoria da história que desse conta do processo dinâmico de produção e recepção e da relação dinâmica entre autor, obra e público, utilizando-se para isso da hermenêutica da pergunta e resposta (Jauss, 1979, p. 71).

Assim surgia a Estética da Recepção, evidenciando uma crítica aos métodos literários de escrita, contrapondo aos interesses de uma percepção burguesa, onde o retorno do público não existia, renovando, assim, os estudos em literatura. O leitor passa a construir o sentido do texto, renovando seu modo interpretativo, observando as concepções históricas, sociais, econômicas e culturais. A leitura promove novas sensações e uma troca de experiência com a vida, além de poder se comunicar.

Sobre a Recepção, a autora Zappone (2005, p.153-155), ressalta: “O que fazemos ao ler ou que processos se desencadeiam quando lemos?”. Ora, se o texto não diz tudo, nem o seu autor é dono de atribuir sentido, o leitor tem sido peça fundamental no processo de leitura (individual ou coletiva). Em outras palavras, o principal elemento da Estética da Recepção é recuperar o sentido de leitura, promovendo a comunicação entre obra e leitor, por isso, ela a Recepção colabora com os estudos de Literatura Surda, bem como para os seus leitores, pois através da Recepção pode-se compreender e relacionar as representações construídas nas narrativas surdas.

O surdo como leitor literário

A literatura oferece infinitas possibilidades ao seu leitor. É possível navegar pela ficção e atribuir as ideias do texto à realidade, uma forma de complementar as palavras do autor através da imaginação de quem leu. Ao pensar em literatura, lembramo-nos de ressignificar uma palavra ou determinado conceito, pois diferente das outras artes, ela conversa com seu público, repassa-lhe a possibilidade de criar condições de fala e de interação com um texto. Portanto, interpretar uma obra literária é muito mais do que descobrir as intenções que são apresentadas através das palavras, mas, observar e entender que o leitor possui uma forma de compreender o que elas estão transmitindo. Ao sujeito leitor é dada a oportunidade dialógica com o texto.

De acordo com Alexandre e Branco, “[...] é importante frisar a necessidade de que, desde cedo, as crianças surdas tenham contato com materiais literários para que despertem nelas não somente a curiosidade ou a criatividade imaginária, mas também o pensamento crítico e construtivo sobre a realidade em que estão inseridos” (Alexandre; Branco, 2020, p. 97). Dessa maneira, compreendemos que os estudos literários também abrangem o campo da informação, onde o saber e o conhecimento começam a adentrar a vida desses sujeitos, abrindo-lhes uma nova oportunidade de compreensão e expressão, pois o contato com esses materiais literários, possibilitam ao surdo um sentido plural de interpretações.

De acordo com Alexandre e Branco, “é importante frisar a necessidade de que, desde cedo, as crianças surdas tenham contato com materiais literários para que despertem nelas não somente a curiosidade ou a criatividade imaginária, mas também o pensamento crítico e construtivo sobre a realidade em que estão inseridos” (Alexandre e Branco, 2020, p. 97). Dessa maneira, compreendemos que os estudos literários também abrangem o campo da informação,

onde o saber e o conhecimento começam a adentrar a vida desses sujeitos, abrindo-lhes uma nova oportunidade de compreensão e expressão, pois o contato com estes materiais literários, possibilitam ao surdo um sentido plural de interpretações.

Na cultura ouvinte, a realização de leituras infantis é um hábito, e as crianças ouvintes gostam e começam a interagir com a leitura. As vivências interpretativas começam nos primeiros anos de vida. A criança que tem esse costume, procura os livros mais ilustrados e começa a adaptar e/ou criar suas próprias histórias, usando seu pensamento e aguçando sua imaginação.

Os textos transmitem novos conhecimentos aos seus leitores, onde a comunicação ocorre de forma dinâmica entre eles. Por isso, sozinho, o texto não produz sentido, pois há necessidade de uma interpretação das palavras para a consciência do leitor, tornando-o mais “criativo entre ilusões e concepções do real” (Jauss, 1999, p. 39). Além disso, o texto pode proporcionar um forte vínculo com o leitor, colaborando para sua aquisição de experiências.

Por exemplo, uma criança ouvinte, ao ler um texto onde o personagem principal é um gatinho - ao ser questionada sobre as principais características desse animal, provavelmente virá em sua mente o som que o gato emite, ou seja, o seu miado ou rosnado. A criança surda, no entanto, reproduz o animal imitando os gestos que este faz; como o ato de lambar o próprio pelo ou o jeito manhoso e delicado de seu comportamento. Por isso, o imaginário surdo é mais visual do que textual ou sonoro.

Ao conversar com o seu público, a Literatura Infantil desperta novos comportamentos que são expressos de forma dinâmica e ressignificada, fortalecendo os valores do leitor com surdez; além disso, é uma forma de compreender suas representações sociais pelo mundo. A leitura promove um processo de construção e de interação entre duas culturas, estabelecendo um contato que visa proporcionar conhecimentos e valores.

Diante do exposto, acreditamos que a interpretação textual se fundamenta como formas de representações, onde colabora com as condições na construção de sentidos dos leitores surdos, por isso, um leitor precisa de um contexto para que a leitura se torne efetiva, pois ele é o verdadeiro receptor da obra, e quem contextualiza a leitura e ativa a realização de significados. Os textos colaboram para o desenvolvimento da experiência do leitor, apontando para realização de efeitos estéticos.

Categorização das análises dos materiais: Clássicos da Literatura Infantil para ouvintes e livros com histórias adaptadas para crianças surdas

A literatura é uma arte que possibilita o acesso e a participação da criança, mas o público infantil surdo, por muito tempo, enfrentou a falta de interatividade e de reconhecimento nas obras literárias. Os acessos textuais possibilitam aos surdos uma maior participação e desenvolvimento social, pois essa criança também se constitui de narrativas. Desse modo, ao identificarmos as adaptações e criações textuais com representações de personagens surdos, estamos possibilitando à criança com surdez a sua participação efetiva nas leituras, assumindo o protagonismo e interação com os livros.

Os enredos fazem despertar o imaginário de crianças surdas, pois elas começam a se perceber dentro da obra e sentem-se representadas através dos personagens surdos. Autores surdos e ouvintes estão aptos, a partir de suas experiências, ou de experiências de outros surdos, a criarem em Literatura Surda. Abordar a teoria da Recepção é observar o “prazer que o sujeito sente diante da construção da obra, desmistificando a ideia de criação ou produção centrada apenas na forma” (Barbosa; Lopes; Oliveira, 2022, p. 13). Ou seja, é reconhecer que o valor da narrativa está na real perspectiva do leitor.

Nesse viés, observamos as novas possibilidades oferecidas na literatura em Libras, onde caracterizamos um diferente modo de analisar e de experienciar a leitura. Assim, o sujeito com surdez pode manifestar conhecimento a partir de suas interações com textuais. Por isso, gostaríamos de apresentar as obras “Cinderela”, de Charles Perrault (1628-1703) e a adaptação para os surdos, “Cinderela Surda”, de Lodenir Karnopp, Caroline Hessel e Fábio Rosa. Escolhemos essas obras a partir da protagonização de personagens surdos e ouvintes. A Língua de Sinais enquanto campo linguístico e saber literário, promove uma nova experiência ao surdo, uma experiência que é demarcada pela sensibilidade do olhar. Observemos as análises:

- **“Cendrillon” (Cinderela),**

“Cinderela, também conhecida como “a Gata Borralheira”, é:

[...] o quarto número da Coleção Charles Perrault, homenageando o escritor francês responsável por eternizar, em livro, histórias que antes circulavam pela transmissão oral, contos maravilhosos que atravessam os tempos em diferentes releituras e suportes[...] contos em prosa que integram a herança cultural da humanidade (BATALHA; GARCIA; MICHELLI, 2021, p. 08).

Vale destacar que, os contos do autor são adaptações de uma oralidade histórica, que circulavam por gerações. Mas, com a necessidade de formar e construir uma leitura que proporcionasse um melhor desenvolvimento do imaginário infantil, as adaptações dessas narrativas se fizeram presentes através de Perrault; que lança à luz desse enredo, contando a história de uma jovem órfã, que após a morte de seu pai, começou a trabalhar como empregada para sua madrasta.

Figura 1: Cinderela sendo tratada como serva da casa.



Fonte: Ilustrações de George Dalziel e Edward Dalziel. London:

É interessante destacar, que nessa história a jovem vai ao baile e encontra um príncipe, que fica admirado com a beleza da moça, dançando com ela até os sinos do castelo badalarem meia noite, horário estipulado para findar o encanto que estava em Cinderela. Após ouvir os sinos, ela se retira rapidamente do local, deixando cair um sapato de cristal, épico símbolo deste conto que nos remete a ideia de ficção, e, ao mesmo tempo, uma nova realidade que foi elaborada a partir das experiências e vivências do leitor.

O sapatinho colocado nos pés da jovem, na visão do ouvinte pode representar os passos ou os caminhos a serem traçados. O material de cristal, remete à ideia de ser algo delicado, de difícil acesso e muito valioso. Observamos, que a imagem, neste aspecto, aproxima-se da realidade do leitor, levando-o a um novo prisma, pois é possível criar e recriar através de uma forma.

Figura 2: Cinderela fugindo do baile



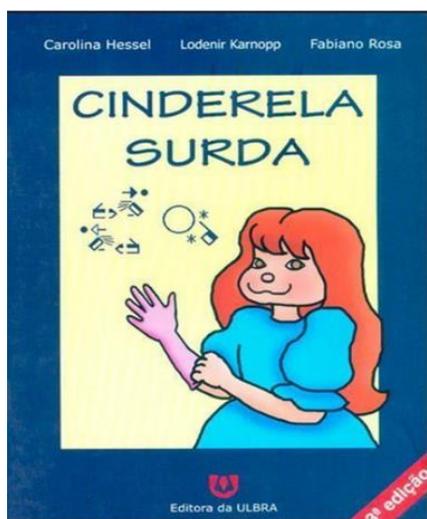
Fonte: Ilustrações de George Dalziel e Edward Dalziel. London.

A perda do sapato é seguida da procura do príncipe, que no dia seguinte anuncia que irá se casar com a jovem cujo pé se encaixa no pequeno sapatinho de cristal. Após um tempo de procura, ele encontra a garota, entregando-lhe o sapato, que serve perfeitamente em seus pés. No final da história, eles se casam e “vivem felizes para sempre”.

Diferente da Cinderela anterior, Cinderela Surda utiliza a Libras como sua Língua Materna, pois é uma moça com surdez. Nesse enredo, a personagem também convive com uma madrasta e suas duas filhas, no entanto, além de ser tratada como serva, a maior dificuldade da jovem, é que os seus familiares não sabem se comunicar em Libras, o que a faz sentir-se triste e sozinha, pois o seu meio de comunicação dentro de casa era somente através de gestos.

A capa do livro traz uma luva como símbolo da mão, protegendo a principal forma de sua comunicação. É interessante pensarmos na representação que essa indumentária carrega, pois ela significa que o surdo tem um meio de comunicação que é próprio. Assemelhando-se ao sapatinho, a luva também pode representar o caminho do surdo que, por vezes, é guiado através de suas mãos, pois elas são responsáveis por sua comunicação, ou seja, a comunicação que elas realizam para traçarem caminhos, caminhos estes que na infância podem guiados pelas fantasias.

Figura 3: Capa do livro Cinderela Surda



Fonte: Cinderela Surda, 2011.

Logo, com o uso da Língua de Sinais ele pode reconhecer-se e afirmar a sua cultura na sociedade. Nesse contexto, o enredo continua dizendo que, ao passar dos dias, chega um convite para um baile no reino, onde o príncipe escolherá sua futura esposa, mas a madrasta de Cinderela Surda a deixa de fora da festa. Porém, no dia do baile, uma fada madrinha surpreende a moça, pois além de se comunicar em Libras, a madrinha concede a Cinderela uma noite que lhe seria inesquecível, transformando-a, com roupas finas e com um belo par de luvas rosas e brilhantes em suas mãos. Observamos que, novamente as luvas trazem uma representatividade, atuando como referência e criatividade, e colaborando com as questões estéticas da obra, assim, a criança surda que lê esse livro, observará e se encantará com a beleza descrita dessas luvas.

Outro ponto a ser destacado, é que ao chegar no local, a moça sente vergonha pelo fato de não ouvir, mas ao mesmo tempo surpreende-se com o príncipe que também era surdo e conhecia Libras. De acordo com Santos e Goes (2016) podemos constatar que, ao encontrar o par que utiliza a mesma fonte de comunicação, o sujeito surdo desenvolve práticas sociais que se tornam significativas entre si, manifestando as relações que podem ocorrer através do contato com o mundo e com outros indivíduos.

Assim, podemos observar que, tal qual a primeira versão, a jovem, ao final da festa, deixa cair um objeto, mas diferente da versão de Perrault, a Cinderela Surda perde uma de suas luvas; o que nos faz retomar a ideia de representação através de uma proteção, que no caso é a

busca pela mão ideal que consiga caber na indumentária. Assim, nos dias posteriores, o príncipe propôs que casaria com a jovem cuja a mão se encaixasse corretamente na luva.

Como vimos, as duas versões trazem a Cinderela como personagem principal, mas a grande diferença entre as obras refere-se ao fato de “Cinderela” perder um sapatinho de cristal, enquanto em “Cinderela Surda” o objeto é uma luva, que nesse caso representa a proteção de sua forma de comunicação. “A forma simbólica de representar os dilemas da criança é fundamental para que ela possa passar com segurança para as próximas fases da vida” (Alves; Silva; Souza, 2017, p.21). Desse modo, entendemos que os dois símbolos possuem representações diferentes, além disso, as obras se comunicam e abordam vivências de personagens distintos.

Na adaptação dessa narrativa, as pessoas com surdez passam a sentirem-se representadas, o que colabora com o desenvolvimento de suas leituras, pois é na infância que conseguimos aprender as melhores formas de conhecimentos. Portanto,

Se admitirmos o sujeito como constituído pelo outro, atravessando por outros dizeres, por isso, cindido entre consciente e inconsciente, passamos, então, a reconhecer na cadeia discursiva representações sobre a constituição da formação imaginária sobre o outro, no caso, sobre o surdo” (BARBOSA, 2020, p.20).

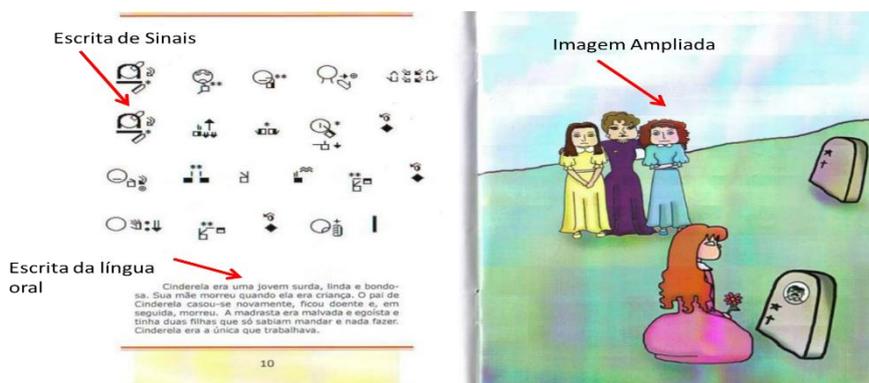
Outrossim, destacamos que os dois enredos colaboram com o desenvolvimento literário das crianças, tanto as surdas como os ouvintes; no entanto, no segundo, por haver outros personagens surdos, as crianças com essa mesma realidade, passam a sentir-se mais representadas, colaborando para que as suas imaginações fiquem mais aguçadas e criativas, ampliando seus raciocínios e até mesmo sua formas de expressão e de comunicação.

Outro ponto importante a ser retratado é sobre a acessibilidade do livro, pois além das imagens, também é evidenciado o *SignWriting*, que é a escrita própria da Língua de Sinais, como podemos perceber na fala dos autores:

Nosso objetivo, nesse texto, é recontar essa história a partir de uma outra cultura, uma cultura surda. Assim, este livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita de sinais, conhecida também como *signwriting*. (HESSEL, ROSA, KARNOPP, 2007, p.3).

Nesse aspecto, compreendemos que, cada símbolo possui um significado, além de expressões e movimentos. O texto também está acessível na escrita do português, tornando o livro bilíngue e inclusivo, onde notamos uma real preocupação com a figura do leitor surdo enquanto receptor da obra.

Figura 4: Madrasta de Cinderela e suas filhas



Fonte: Cinderela Surda, 2011.

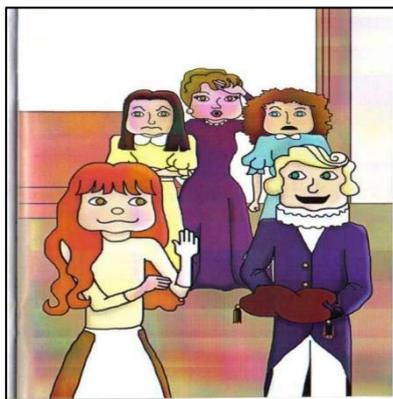
Através da literatura é possível transportarmos o livro para o próprio interior do leitor e essa experiência histórica se materializa na experiência estética da leitura, e a obra passa tocar o íntimo do leitor, transportando-o a um novo clima, por isso a leitura promove uma mediação histórica com o seu contexto e ambiente, como aponta Gumbrecht (2014). Desse modo, é interessante refletirmos sobre a vivência ou sobre o conhecimento prévio do leitor, ou seja, a realização dos sentimentos e sentidos que ocorrem diante do contato com a obra.

Aprender Libras é um benefício para quem aprende e ensina. Desse modo, Sutton (2021) evidencia que as crianças surdas sentem-se representadas quando os livros possuem personagens que também são surdos, e isso colabora com uma experiência específica. Portanto, ao encontrar no livro um exemplo de aprendizagem em Língua de Sinais, a criança com surdez também sentirá mais motivação para aprender e se desenvolver, usando o recurso de sua própria língua, nesse caso, a Libras. Por isso, a literatura nos permite o acesso a saberes diversificados, colaborando para entender que sem o Outro não haveria o Eu, notando assim, a relevância de textos bilíngues e inclusivos para o desenvolvimento de uma sociedade multicultural e singular.

Vale ressaltar que, a busca pela luva perdida, evidencia uma forma não-verbal de descrever a necessidade de viabilizar o contato entre surdos, além do compartilhamento de

ideias e de informações a respeito da Língua de Sinais. Por isso, a imagem consegue dizer situações que muitos surdos vivenciam, como esconder-se ou permanecer usando gestos diante de uma sociedade verbalizada.

Figura 5: Encaixe da luva brilhante



Fonte: Cinderela Surda, 2011.

Figura 6: Encaixe do sapatinho de cristal



Fonte: Ilustrações de George Dalziel e Edward Dalziel. London.

Destacamos as imagens para refletirmos melhor sobre as produções e sobre a forma como a personagem é representada em cada situação. Na figura seis, observamos que à direita, há duas jovens que expressam um sentimento de antipatia, e três rapazes, onde o príncipe experimenta o sapatinho nos pés da moça; enquanto podemos notar que na imagem superior, encontramos uma situação parecida, mas no lugar dos pés, mãos; ao invés de sapato, luvas. Portanto, através das imagens, podemos configurar o interior das obras, observando e destacando os seus personagens e seus imaginários presentes nas narrativas. A literatura possibilita observarmos aspectos culturais, relacionando-os com as vivências desses sujeitos.

Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2

Assim, as relações perceptivas configuram a visão do leitor em cada texto, destacando a alteridade nas personagens “Cinderela” e “Cinderela Surda”, apontando questões éticas que evidenciam o reconhecimento, a partir do reconhecimento na figura do Outro como Si mesmo, como aponta Ricoeur (1991). Portanto, a literatura usa de representações e de falas distintas, que, ao longo da historicidade, modificam a vida do leitor, por isso, precisamos evidenciar que a literatura, além de modificar, também proporciona criações de uma realidade fora do texto.

A literatura como arte combinatória de temas, remonta a recriação das palavras, dos personagens e de suas distinções. Diante do exposto, entendemos que o ato da leitura provoca um resgate do homem com o seu aprendizado. Nesse sentido, as obras supracitadas revelam o encontro da personagem Cinderela Surda com o público surdo, pois sua representatividade promove inter-relações do texto sobre as tradições da comunidade surda.

Considerações finais

A Literatura Surda proporciona a interação da criança surda com o mundo, e a teoria aqui exposta colabora para que possamos entender a dinamicidade de obras literárias, pois trabalha com textos que compreendem o funcionamento das narrativas como Arte. Desse modo, o presente trabalho compreendeu a necessidade das narrativas como espaço social, retomando, historicamente, a literatura como arte, onde o imaginário simbólico pode ser revelado através das recepções e da estética textual.

A partir dessas análises e descrições, entendemos que os textos literários clássicos infantis, como os contos de fadas, podem alcançar o leitor surdo e seu imaginário simbólico, e quando adaptados culturalmente para o surdo, estes textos podem auxiliar na representatividade dessas pessoas, ocupando um espaço de novas significações na realidade atual. Por isso, o processo narrativo ligado às imagens textuais, proporcionam diferentes formas de compreensões e de percepções da literatura.

Consequentemente, a imagem do surdo como leitor, começa a ser construída, a partir de sua relação com as produções surdas e clássicas infantis. Nesse contexto, os efeitos de sentidos e de presença podem ser alcançados, desde que haja uma leitura que possa transcender o leitor surdo para um novo horizonte imaginário, onde palavras precisam estar ligadas a imagens para auxiliar na compreensão textual.

A partir de textos adaptados com protagonização de surdos, as crianças surdas conseguem entender a sua língua materna, reconhecendo a cultura surda como própria, constituindo espaços de aprendizagens. De tal modo, a Libras passa a constituir o sujeito surdo, levando em consideração os seus artefatos culturais, colocam a Literatura Surda como aspecto discursivo e produtivo dessas pessoas.

Referências

ALEXANDRE, Leila Rachel Barbosa; BRANCO, Eliana da Cruz Castelo. *Leitura de Livro ilustrado sem palavras por adultos surdos: possibilidades para a obra O Menino-Vazio*. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/19858> Acesso em: 10/09/2022.

BARBOSA, Nayara Macedo Coelho; LOPES, Shisleny Machado; OLIVEIRA; Luzir de. *Análise de poesia em Libras com base na teoria de experiência estética de Jauss*. estud. lit. bras. contemp., Brasília, n. 65, e6506, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/Q4nzDpdn5WDchTrFLh4NGhP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 08/09/2022.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 5 abr. 2020.

BOHM, Verônica; et.al. *Rapunzel e enrolados: aproximações e distanciamentos*. DOI <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2020v18i1p372-39>. Disponível em: 43079-Texto do artigo-138072-1-10-20200330.pdf. Acesso em: 21/12/2022.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é Literatura* (coleção primeiros passos). Editora Brasiliense: São Paulo, 1839.

CARDOSO, Eveline Coelho; XAVIER, Glayci Kelli Reis da Silva. Mininarrativas pandêmicas/patêmicas: imagens e imaginários, do mundo significado ao mundo narrado_ IN: LOPES, Maráisa; MOURA, João Benvindo (orgs.). *Discurso, imagens e imaginários*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. (p. 109-160).

CORTÊS, Flávia; MICHELLI, Regina. O conto de fadas na sala de aula: IN_ BATALHA, Maria Cristina; GARCÍA, Flavio; MICHELLI, Regina. *Cinderela / Cendrillon ou la petite pantoufle de verre*. 1 ed. Rio de Janeiro: Dialogarts 2021.

ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. DEDALUS-acervo- FFLCH- LE: São Paulo, 1993.

ECO, Umberto. *Entrando no bosque_ IN: Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das letras, 1994. (p. 07-31.)

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*, vol 1. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed 34, 1996.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, vol. 2. Tradução de Johannes Kretschmer-São Paulo: Ed.34, 1999.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. 2ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

JAUSS, Hans Robert. *A história da povoação à teoria*. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert; ISER, Wolfgang, et.al (Sel., coord. e trad. Luiz Costa Lima). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KARNOPP, Lodenir Becker; ROSA, Fabiano; SILVEIRA, Carolina Hessel. *Rapunzel Surda_ Canoas*: Ed. ULBRA, 2005.

KARNOPP, Lodenir B.; MACHADO, Rodrigo N. *Literatura Surda: ver histórias em língua de sinais*. 2 Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação (CD) 2SBECE. Canoas: ULBRA, 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Produções culturais de surdos: análise da literatura surda*. Cadernos de Educação (UFPel), v. Ano 19, p. 155-174, 2010.

KARNOPP, Lodenir Becker; BOSSE, Renata Heinzelmann. *Mãos que dançam e traduzem: poemas em língua brasileira de sinais*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 54, p. 123-141, maio/ ago.2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182018000200123&lang=py Acesso em: 8 jun. 2021.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais*.132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 2011

Orlandi, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura_ São Paulo*: Cortez; Campinas_ Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988. (Coleção passando a limpo).

PERLIN, Gladis. *Histórias de vida surda: Identidades em questão* (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998. Disponível em: file:///C:/Users/crys-/Downloads/historias_de_vida_surda__identidades_em_questao.pdf. Acesso em: 12/12/2022.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. *Teorias da Educação e Estudos Surdos*. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na *Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2*

Modalidade a Distância. Florianópolis 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/teoriasDaEducacaoEEstudiosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria_da_Educacao_e_Estudios_Surdos_pronta.pdf. Acesso em: 10 de jan. 2021.

PERLIN, Gladis; REZENDE, Patrícia Luíza. *Didática e educação de surdos*. Florianópolis: UFSC, 2011.

ROCHA, Janine Resende. Wolfgang Iser, Leitor da Modernidade: interpretação e teoria da literatura. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2017.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. Patinho Surdo. Canoas: Editora Ulbra, 2011.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*: tradução-Lucy Moreira Cesar-Campinas, SP: Papyrus, 1991.

SANTOS, Adriana Prado Santana; Goes, Ricardo Schers de. *Língua Brasileira de Sinais-libras*: UNIASSEL-Indaial, 2016.

SKLIAR, Carlos. *Educação & exclusão*: abordagens sócioantropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

SKLIAR, Carlos. A forma visual de entender o mundo. In Educação para todos. *Revista especial*, SEED/DEE Curitiba, Editora Expediente, 1998a

SKLIAR, Carlos. A localização política da educação bilíngue para surdos. In: _____. (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1999. V.2. p. 7-14.

ABSTRACT: Based on the authors Iser (1999); Karnopp (2010); Cademartori (2013), among others, this work studies Literature from the perspective of the Aesthetics of Reception theory. From the perspective we work with, we observe, through analyzes of works in Children's Literature, the way in which stories are adapted for Deaf Literature. The objective of this work is to analyze works of Deaf Children's Literature based on the concepts of the Aesthetics of Reception theory. In this way, this theory is perceived as the relationship between author, text and reader; Therefore, the research seeks to answer the following question: What are the main points observed in the narratives of “Cinderella” and “Cinderella Deaf”? To contribute to our inquiry, we analyzed the following productions and adaptations: “Cinderela”, by Charles Perrault and “Cinderela Surda”, by Lodenir Karnopp, Caroline Hessel and Fábio Rosa. As a result of the opinions analyzed, we identified that Deaf Literature provides interactivity and recognition of deaf people with the development of readings, as it works with texts that understand the functioning of narratives as Art.

KEYWORDS: Receptivity, Film, Deaf subject.